

Glória a Miguel Torga!

JOEL PONTES

“Desejar aplausos em arte é mais uma necessidade do que uma vaidade. É sentir que se é necessário, que nos que-rem. Não há nada mais esterilizante do que estar o dia in-teiro no consultório à espera de doentes que nos passam à porta e vão à consulta do vizinho. Escrever para a posterida-de não consola nem estimula ninguém. A legítima oração de todo o artista, quer queiram, quer não, tem de ser esta: Dai-nos, Senhor, um pouco de glória em vida”.

(M. TORGA, *Diário*, IV, p. 73)

Quem escreve tais coisas chama-se, na vida civil, Adolfo Correia da Rocha, é médico, estabelecido em Coimbra, e caça-dor nas horas vagas, quando se dirige a seu lugar de nasci-mento, São Martinho de Anta, nos Trás-os-Montes. Como con-tista, memorialista, dramaturgo, tomou o pseudônimo de Miguel Torga, poeta desde o berço, conforme confessa. Esta multiplici-dade começa a nos indicar o *ser feito* e o *ser fazendo-se*, sob uma decorrência temporal. O nome de Adolfo, São Martinho e talvez a carreira médica lhe foram dados. Torga, a literatura e sua reflexão sobre o homem e o mundo são conquistas pró-prias que perduram, sempre em movimento. Lemos os dez vo-lumes do *Diário* e os derradeiros dez livros de poemas (porque os quatro primeiros estão fora de circulação e Torga os consi-dera sem concerto” — *Diário*, VI, pág. 64) como um conjun-to fortemente ligado que bem podia ter o título geral, piran-delliano, de *O Autor em Busca do Autor*, porque é disto que se trata, em variados sentidos. Se o primeiro autor sempre é Torga, o segundo pode ser Adolfo, Deus, o Homem e o próprio Torga, Deus de si mesmo, seu criador e seu algoz. O antropo-centrismo assume tal importância que a crítica rigorosamente literária pouco tem a descobrir. O poeta, ele mesmo, sempre está se descobrindo, em perpétua auto-análise que desdobra dos

limites da criação atingindo a confissão catártica. "A verdade inteira é o homem e o que ele faz". (*Diário*, V. pág. 153).

Colocado na natureza, e em situação, bifrontiza-se. Temos como que descanso e destino. A natureza é bela, se bem que alheia aos humanos. Dela, o poeta recolhe as sensações espirituais de um neo-paganismo algo requintado, que lhe dá forças para regressar ao drama de conviver na humanidade. Cada manhã, cada nascimento ou semeadura é para ele um recomeço. A beleza apreendida pelos sentidos dá-lhe energias de Anteu, mas é preciso que, na apreensão, se desenvolva a mesma entrega que tanto caracteriza as atitudes do poeta. Não se trata de entrega primitiva, ditada mais pelo instinto do que pela inteligência. A recíproca é que é verdadeira. Torga trata a natureza literariamente, o que levou João Gaspar Simões, em *Literatura, Literatura, Literatura...*, a escrever que se requinta e complica, a ponto de comprometer a espontaneidade. Melhor diria: o que a ele, João Gaspar, parece espontaneidade, porque, desde que se entenda uma posição culta diante da natureza, cria-se uma espontaneidade diferente daquela meramente instintiva. Afinal, a inteligência também é natural no homem. Torga tem motivos para se dizer telúrico, embora não sejam os mesmos de qualquer camponês. É bêbado da beleza do campo que chega a esquecer a aspereza da vida. Não foge, pois, de cantar o que de mais cantado exista no bucolismo de todos os tempos: o luar, a primavera, o amanhecer. Sendo normalmente seco e contido, quando se empolga alcança achados inesperados como

Deixo pastar os olhos na paisagem
Enquanto a flauta exalta o bucolismo.

(*Diário*, IX, pág. 192).

Esses olhos-alimárias podem ver a escultura surrealista destes outros versos:

A luz da tarde acaricia os frutos
Que o vento da manhã esculpiu nos sumos.

(*Penas do Purgatório*, 46).

E como o poeta, em certa fase, sentia o fascínio da hereesia atirada à face de Deus, como cutiladas contra moinhos, pode conclamar em prece

Louvemos
Exaltemos
Glorifiquemos Pã, deus dos rebanhos

(*Diário*, IX, pág. 28).

e integrar-se nas doçuras mitológicas:

Voltei, ninfas amigas!
Quem pode resistir a um fresco aceno
De donzelas despidas?
Fiel devoto da nudez da vida,
Tinha sede de ver-vos distraídas
A correr pela terra ressequida.

(*Diário*, IV, pág. 117).

Ao contrário, porém, de, com o amadurecimento, procurar cada vez mais refúgios, ainda que se afastasse do sensualismo, Torga foi essencializando suas preocupações na luta do homem pela liberdade: "Só quando insubmissos, e por isso dignos do seu nome, os poetas são capazes de cumprir a sua missão divinatória por conta de todo o sofrimento humano". (*Diário*, VI, pág. 18). Dentro de uma criada atmosfera de neo-renascimento, abandona aos poucos — nunca em definitivo — essas ilhas risonhas de prazer, convicto de que a poesia deve salvar o Homem para a terra, "à clara e alegre luz da beleza", assim como as religiões querem salvá-lo para o céu. "Porque só a beleza nos arranca à solidão e nos une na mesma comunhão fraterna". Os refúgios de poesia pela poesia sempre existirão em sua obra, intercalados na luta pela liberdade, ou como um aspecto especial dessa luta: o poeta como ser livre, resolve o que fazer.

Seu instrumento de transmissão é a palavra, para ele material nem sempre suficiente. Avesso, porém, a experiências, é

com palavras que trabalha para dar seu recado de insubmissão. Cria sua ordem, tão lógica quanto a poesia o pode permitir, sob a ressalva de que o objeto e o veículo confundem-se com o sentimento poético, nem sempre traduzido. Assim, o poema duma macieira (*Diário*, I, pág. 23) pode ser a própria macieira. O objeto, como poema vivo, pode ser lido/visto, ou seja, contemplado em sua forma ou traduzido. É claro que não lhe escapa o mero valor subjetivo da vista do objeto. O poeta parte, então, para a transfiguração, como primeira etapa, ao falar de um sol de noivado que desfaz a virgindade e de dois braços abertos de brancura, naturalmente os galhos floridos. A segunda etapa, quando diz que a macieira é um lirismo fecundo, termina com o fecho do poema sob forma de definição:

Não há coisa mais pura
Nem promessa maior.

Seria amesquinhar a noção de símbolo, implicá-la aqui. Esse poema da macieira é dos mais antigos, entre os atualmente em circulação, e por isso deve servir-nos só pelo assinalamento dessa pureza e dessa promessa, que constituem juízo do homem, a nos revelar que o objeto do poema, afinal de contas, retorna a sua condição de coisa — árvore florida — e desperta o poeta para considerações outras que, com o tempo, fixam sua posição entre os homens.

O poeta entende a vida como trato de humanos e é nisto que vai situar-se. Entre a natureza que vê e descreve, e o ser humano que é. E busca sintonia junto aos demais, levanta a solidariedade como traço de união.

Mas o homem é o centro do infinito
Que procura...

(*Câmara Ardente*, pág. 9).

Firmado nessa certeza, que não lhe deve ter custado pouco, parece precisar varrer do espírito os restos da educação religiosa que recebeu no Seminário de Lamego e sobretudo, a ferrenha sombra de Deus que nunca o abandona, por mais que ele

a enxote de si. Um dos dimensionamentos da grandeza do homem será para Torga, em certa fase, sua luta contra Deus.

Longe do céu, longe da terra, aqui,
Neste areal do Sonho onde cheguei,
Venho entregar-me a ti,
A cuspir-te na cara a tua lei!

(*Lamentação*, pág. 8).

A heresia tenta-o por uns tempos de engano. "Seus primeiros versos são muito mais gritados que articulados", observa João Gaspar Simões na *História da Poesia Portuguesa do Século XX*. Não é ainda nesses desesperos inócuos que vai criar sua melhor poesia porque só existe aí um elemento de revolta, que é o desafio. Falta a esperança, conseguida, perdida e reconquistada dezenas de vezes num fluxo dramático e existencial. Na heresia pela heresia, apenas prolonga, e já com tinturas de artificialismo, um materialista espetaculoso de outros tempos, que tivera em Guerra Junqueiro sua última e ressoante voz. Mais perto de si mesmo logo estará, quando se recusa a pedir perdão. (*O Outro livro de Job*, pág. 37) embora ainda cheio de anáforas e exclamações:

Não tenho culpa de a Obra
cair, por causa da Cobra,
das tuas mãos sem firmeza.

Aqui, Job e Miguel Job Torga, personagem e autor personageado, reconhecem que cantam a nota discordante na sinfonia geral e são, por isso, incômodos. O poeta quer ser deixado de lado e respeitado "como se faz às pedras das montanhas". Quer ficar de rosto inteiro, na esperança de que se lhe aproxime uma Verônica.

São duas posições a serem observadas: a do estóico e a do esperançoso, um a precisar que o esqueçam, o outro necessariamente a se fazer lembrado. Interpenetram-se, como se notará, até quando apta por uma das posições. E a posição que vai definir-lhe a poesia é a do participante sem temor, a passar

momentos de temores e a deles retornar, mais uma vez, e sempre, à luta.

Fala em uma serena consciência cultural, como o verdadeiro civismo, que para ele, em Portugal é substituída pela paixão telúrica. Parece esquecido de que participa de ambos e que nisto se assemelha ao mesmo Eça de Queiroz citado no *Diário*, VI, pág. 159: “E quando um Eça, porque realmente civilizado e consciente das nossas limitações, criva de setas o corpo da realidade nacional, podemos ter a certeza de o ver daí a nada, pressuroso, carregado de unguentos, a tentar sarar as feridas que corajosamente pusera a sangrar. É que não é possível um filho só regenerar um lar”.

Por alguns momentos chega a parecer que o próprio Miguel Torga tentará ser esse filho. Também ele fustiga e nele encontramos, igualmente, o que chamou de unguentos. No mesmo *Diário*, VI, pág. 95, escreve: “Foi Deus quem nos quis assim. Sem escultores, sem pintores, sem nada. Tomou Portugal de ponta, e condenou-nos aos santeiros, aos trolhas e aos mestres de lenda”. Isto chega a lembrar o personagem Cruges, em certa parte de *Os Maias*, quando explica a João da Ega porque não compõe uma sinfonia. Se a fizesse não haveria em Portugal músicos para tocá-la e, se os conseguisse, não teria quem a escutasse. A esse desânimo, corresponde a resposta que é o próprio romance. Houve quem o escrevesse, quem o lesse e aplaudisse.

Não muito diverso é o que se passa com Torga. Como não deixa muito a dizer sobre seu sentimento de pátria, toma um ponto de partida — noção da cultura como bem universal — para chegar ao exagero de afirmar que a contribuição portuguesa não ultrapassa as fronteiras:

“Na ânsia de nos valorizarmos, cegamo-nos. É uma filosofia portuguesa que surge milagrosamente do nada, uma arquitetura própria que ninguém vê, uma pintura que abarrota os museus e os não enche. Ora, se é compreensível que eu tenha um apego sentimen-

tal à capelinha da aldeia onde nasci, objetivamente não posso deixar de verificar que se trata duma construção ingênua e simples, rudimentar, com a arte a ressoar ainda na espessura da pedra”.

(*Diário*, VI, pág. 14).

A consciência desta hierarquia de valores é manifestação de cultura, não importando até que ponto o poeta é justo ou injusto. E ele mesmo, tão português nas censuras, não o é menos pelo que chamou de “paixão telúrica”. A Pátria, ele mesmo nos diz, é

Qualquer coisa profunda e dolorida,
Traída,
Feita de terra
E alma.

(*Diário*, II, pág. 57).

E não é só uma. Tem a cívica, Portugal, e a telúrica, Ibéria. Caberia notar que esse não pequeno universalismo — desde que nos *Poemas Ibéricos* liga a América à Península e dedica todo o livro *Traço de União* às relações luso-brasileiras — bastaria para negar a transposição da fronteira, em relação a sua própria obra, como bastariam as traduções de seus poemas para várias línguas, os estudos estrangeiros de sua obra e o apoio de tantos escritores, sem lembrar portugueses ou brasileiros, quando seu nome foi proposto à consideração da Academia Sueca em face do Prêmio Nobel — da Alemanha, Bélgica, Espanha, França, Itália e Inglaterra — apoio cujas expressões foram, em parte, transcritas por José de Melo em seu livro *Miguel Torga*.

Colocado frente à pátria, nos *Poemas Ibéricos* que equivalem a *Mensagem* de Pessoa e são tão entre-parênteses como este, não desdenha de exaltar grandes figuras do passado. O livro é todo um desfile de perfis e o elogio de sonhos e rebeldias. São afirmações da vontade do homem. No retrospecto dos desafios, Viriato namora o chão em vez de o céu; Inês de Castro é o tri-

unfo do amor; Nun'Álvares, a liberdade que não discute os meios de se manter; Goya é

Homem oposto aos homens
Que o não souberam ser;

e mais vêm Camões, Sta. Teresa, São João da Cruz, Unamuno, Picasso, Fernando Pessoa, Lorca e tantos outros, alguns ausentes da simpatia do poeta mas reconhecidos como marcantes da presença dos ibéricos no mundo: D. João II, Felipe II, Santo Inácio de Loiola.

Ao reconhecer, de Portugal, "os maiores", Torga não os prefere. Sua matéria volta a ser "este santo povo português" (*Diário*, IX, pág. 153) o "matagal humilde", como o chamou em *Traço de União*:

"Diz-se Espanha, e ninguém pensa em Cortez ou Pizarro. Nomeia-se a Inglaterra, e a máscara de Cromwell não nos agride. São as características do geral que se nos impõem, e não há rugas do particular. Por que razão há-de ser Portugal condenado a carregar essa cruz do individual excessivo, do grande ocasional? Por muito altas e frondosas que sejam certas árvores da floresta, é o matagal arbustivo, espesso, humilde, que nos molha os pés, que nos pica as pernas, que nos condiciona os passos e cria no nosso espírito a realidade da floresta".

.....

"É esse Portugal rude e cabeçudo, sempre igual a si mesmo e sem qualquer ambiguidade nos sentimentos — que a nobreza de outrora nunca conseguiu arrastar nas horas de compromisso, e a burguesia de agora nos vícios em que se degrada —, que eu gostava que fosse conhecido. Uma terra singular, discreta, silenciosa, recolhida no seu pudor e na sua pequenez, sem estafados heróis oficiais, mas de onde saíram, incógnitos, esses heróis, sem ocas ou indigestas pá-

ginas de vernáculo, mas onde o vernáculo vive na boca de todos, redondo como as pedras roladas. Um Portugal analfabeto, mas cheio de uma sabedoria humana que a mais leve oportunidade põe à mostra, obstinado contra as leis açambarcadoras da geografia política, que quis à viva força ter uma personalidade específica, e há oitocentos anos se mantém assim, num equilíbrio voluntário de nação independente, que é um milagre de afirmação social. Um Portugal que não é uma grandeza em decadência, mas uma força sempre obstinada e triunfante no seu caminho. Que realiza hoje as façanhas que realizou outrora, na modalidade que o tempo agora condiciona e permite. Que vai às mesmas Áfricas, às mesmas Índias e ao mesmo Novo Mundo, desamparado como em Quinhentos, e com o mesmo espírito deslumbrado e conciliante. Que embarca nos porões da emigração como embarcava nas naus, e que enfrenta o Tenebroso com a bússola do instinto e da necessidade. Que espalha ainda, como outrora, a sua língua, a sua fé, os seus costumes e sua humanidade numa dádiva fraterna de pacífico convívio".

Sendo o seu povo feito dessa mistura, a solidariedade do poeta está com a parte obscura e sofredora, e neste ponto vão se alternar o estóico e o rebelde que nele convivem. Sua matéria agora é bem diferente daquela tão harmoniosa das ninfas despidas. O poeta começa a depurar-se dos enganos criados, vendo-os como algo platônico:

A vida é um medo que não sei vencer.
Vivo nela uma espécie de saudade
De viver...

(*Penas do Purgatório*, pág. 47).

Começamos a encontrar o que ele chamará depois os *negativos*, ora impossibilidades do poeta, ora o Outro no Eu, ora os contrários de determinada situação, como aqui parece, assim colocada a vida que faz medo, e a desejada. Em *Penas do Purga-*

tório e *Orfeu Rebelde* o estóico e o esperançoso que nele coexistem alternam-se e daí por diante sempre será assim. O programa, que parece descoberto nas *Penas*, diz:

Matei a lua e o luar difuso.
Quero os versos de ferro e de cimento.
E em vez de rimas uso
As consonâncias que há no sofrimento.

(*Penas do Purgatório*, pág. 52).

Sofrer, porém, é quase sempre a metade de uma reação. O resto, no *Orfeu*, no *Cântico do Homem* e por aí além, pode ser sintetizado nestes versos:

O destino destina,
Mas o resto é comigo.

(*Orfeu Rebelde*, pág. 9).

Surge a esperança de uma Idade de Ouro por vir, mediante conquista do Homem. O poeta cada vez mais define o caráter político de sua obra, não naquilo que se restringe à contestação a um regime e a um chefe. Isto é parte mínima de uma atitude bem mais radical. A imagem dos versos de ferro volta nas *Odes* (pág. 7) —

Versos de ferro onde me rasgo inteiro —

e agora nem ele mesmo, nem Satanás conseguem mudá-lo:

E sou tudo,
Menos traidor à minha condição.

Não está sendo aqui seguida a ordem cronológica de uma sucessão de atitudes espirituais. Torga é, na verdade, inteiriço, capaz de voltar ao simples gozo da paisagem entre dois poemas de fogo. De tentar, até, a canção da ausência de assunto, o puro flutuar da alma inebriada de um prazer indefinido. Ao colocarmos sua posição política antes do estudo mais detalhado da poe-

sia, queremos insinuar que este é um dos caminhos para entendê-lo. Partimos do seu relacionamento com o mundo inanimado, Deus e os homens — entrando aqui a posição política — para em seguida procurarmos o sentido da auto-explicação e da poesia.

Não é sectária essa posição política. Talvez nem chegue a ser de fidelidade partidária, se atentarmos para o quadro estreito com que os políticos emolduram a expressão. Ao escrever: “tanto monta ser aqui como no Terreiro do Paço. Ouvir um político é ouvir um papagaio insincero”; (*Diário*, IX, pág. 40) Torga, capaz de irritar os representantes da cultura portuguesa, como foi visto, demonstra maior desprezo ainda em relação aos da política, sem se preocupar, sequer, em distinguir o lado em que tem alguma participação — o oposicionista. Não espera que ninguém descubra:

É contra mim que luto,

diz, a certa altura de *Orfeu Rebelde* (pág. 58) e ainda acrescenta:

O que sou é um insulto
Ao que não sou.

Novamente estamos no encontro do *negativo*: Torga contra outro Torga, um impossibilitado — imagina-se por quantos motivos — de atender às exigências mais vitais do outro. O imperfeito e o perfeito. O negativo e o positivo da mesma fotografia. Sua poesia é uma prisioneira

Que, vendo a porta da prisão aberta,
Como chispa que salta da fogueira,
Numa agressiva fúria se liberta.

(*Orfeu Rebelde*, pág. 55).

Purificada pelo fogo, identifica-se como claridade a dissipar a escuridão. Os inimigos são “lobos da liberdade alheia” (pág. 51)

Vejo o sol, mostro o sol a quem é cego,
E nego
Que o tenebroso seja claridade.

(pág. 48).

O mesmo poeta que confessa o medo, é capaz de um brado que noutra cepa de gente bem podia ser demagogia lírica: "Alto! ladrões do sol da primavera!" (*Cântico do Homem*, pág. 76). Mas tudo isso, que pela qualidade da poesia de Torga só aparece em termos de símbolos, comparações e outros recursos próprios ao canto, podia, se o poeta o quisesse, figurar na prosa, em tom rasteiro. Nem aí. O compromisso político é de ordem individualista, vago, de determinação como se repetisse o papagaio político, embora o saibamos sincero: "Nasci povo, povo continuo, e povo quero morrer". (*Diário*, VIII, pág. 13). Isto escreveu em 1955, e mais: "é nele que acredito, é ele que me inspira e é por ele que luto". Em conclusão: por algo acima dos partidos políticos, convém repetir.

Mas o povo é muito concreto em suas necessidades e bem pouco habilitado a compreender as sutilezas de uma solidão participante como é a de Torga. A certo momento ele se encontra como Cortez, de barcos incendiados:

"A minha situação humana lembra-me a dum sujeito que entrasse a nadar pelo mar dentro e se afastasse tanto da praia que não pudesse voltar. Uma posição sem retirada possível — retirada que, aliás, não desejo. Levei tudo ao extremo. Estiquei a corda de mais".

(*Diário*, VII, pág. 62).

Assim sendo, vai provocar o encontro consigo mesmo no terreno da poesia. Tem aí seu consolo e explicação justamente porque, sendo poeta, pode ser tudo. Para melhor dizer, é um *oniente* pelo muito que consegue ser, conforme o momento do poema. Esta auto-multiplicação povoa seu universo interior. Tudo conflui.

"É por dentro que eu gosto que aconteça
A minha vida

(*Orfeu Rebelde*, pág. 54)

chega a dizer o lutador, como a justificar a multiplicidade dos aspectos com que se imagina, alguns contrários entre si. De diversos poemas, sem cuidado cronológico mais uma vez, temos que o poeta está se metaforizando na natureza: poeira, sol fecundo, folha de outono, ave da esperança, "toupeira cega, mas obstinada" (*Câmara Ardente*, pág. 23), "um sapo que passeia" (*Diário*, VI, pág. 203). "rês tresmalhada que não quer abrigo / No calor do redil de nenhum domo", "cega-rega dorida ao sol do mundo" (*Diário*, VII, pág. 157), "fauno das fragas e dos horizontes", "mais um caule na floresta densa", etc. Em *Nihil Sibi* é uma fonte (9) um rei (10) e uma criança (21) quase a seguir. No *Canto do Homem* é um deus e também videira; em *Orfeu Rebelde*, já humano, é "outro Sansão / mas um Sansão contra si mesmo irado", Orfeu, "conjuntamente o Cristo e o Cirineu, noutros lugares Job, Lázaro e Adão. Essa instabilidade — própria do seu caráter como declarou em carta a Fernando Pessoa — esbarra quando chegamos à palavra liberdade.

Como não deixa o que explicar, no *Diário*, X, pág. 18 está a chave ou uma das chaves:

Eu sou a liberdade dum perfil
Desenhado no mar.

Eis aí: transforma-se o amador na coisa amada, como no soneto de Camões. É a própria liberdade, e é seu exercício, que está para ela como a virilidade para o homem. Em 1930, rompera com os companheiros da revista "Presença" em nome da liberdade em arte e do individualismo, quando os julgou comprometidos na rotina que estava se criando onde achava que não devia ter lugar. Preferiu sair à aventura, sem rei nem roque, e assim se fez poeta amadurecido, no culto daquilo que João

Gaspar Simões, no *Itinerário Histórico da Poesia Portuguesa* chama de inspiração monolítica: seu poder de comunicação.

Para dominá-lo, empenhou-se no afã de conhecer-se e definir-se, em que a predicação direta indica achados momentâneos cuja densidade só no encadeamento dos poemas nos transmite o clima de procura. Em si mesmo, o predicativo tem a efemeridade marcada pela substituição. Ao ser isto e mais aquilo e logo outra coisa, o poeta demanda a leitura de vários poemas para nos comunicar as várias representações da coisa única. As rebeldias — de Orfeu, Job, do homem, etc. — ainda que conduzam o pensamento em direção a valores ligados à dignidade humana, ainda que sejam transparentes exaltações da liberdade, terminam por assumir o caráter de pregação moral, esvaziando-se, por vezes, da tortura prometeica, que engrandece a luta contra os supremos poderes.

Voltemos àquele momento, na obra de Torga, em que aparece o símbolo do negativo fotográfico. Não estranha que haja nisso a retomada de uma idéia de Fernando Pessoa, poeta que foi tido por *mestre* pela geração de “Presença”, estudado e amado por essa geração quando ainda mal percebida sua importância. Essa idéia nos é referida por Jacinto do Prado Coelho: “Para Fernando Pessoa, recordar não é reviver, é apenas verificar com dor que fomos outra coisa cuja realidade essencial nos não é permitido recuperar. Vimos da sombra e vamos para a sombra. Só o presente é nosso, mas que é o presente senão a linha ideal que separa o passado do futuro? Assim toda a vida é fragmentária, a personalidade una é uma ilusão, não podemos aprender em nós uma constante que nos identifique. O sentimento heraclítico da transitoriedade das coisas conduz à negação do *eu*”.

Até aí se explica a negação dos *eus* entre si e consequente flutuação das predicações diretas. Sigamos adiante, porém, e confrontaremos alguns versos de Torga a outra observação de Jacinto do Prado Coelho. Os versos são estes:

É o meu avesso que me desafia

(*Orfeu Rebelde*, pág. 18).

E o que sou por detrás do que pareço!

(*Idem*, pág. 14).

O meu silêncio é sempre

O avesso dum verso

(*Diário*, VIII, pág. 88).

Sou eu, que disse adeus
e fiquei à minha espera!”

(*O Outro Livro de Job*, pág.).

As palavras de confronto dizem: “o poeta estranha-se a si próprio: “meu ser / Tornou-se-me estranho” (I, pág. 107). O pretendo eu afigura-se-lhe múltiplice, fragmentário, infinidade de estados psíquicos, “simples coleção de momentos”, na expressão de Proust. Daí a sensação, não de viver, mas de sofrer passivamente a vida, como

Uma série de contas-entes ligadas por um fio-memória,
Uma série de sonhos de mim de alguém de fora de mim.

(*Campos*, pág. 249)”.

A adaptação destas palavras só não chega a ser perfeita quando Torga sucumbe ao vazo da explicação, que sempre é inoportuno em poesia.

Ele deve ter razão — tem razão, acreditemos no que diz — quando afirma que não obedece a plano algum neste aspecto do ato criador. Ou o plano será uma segunda natureza, ditada pelo desejo de comunicar-se. O que nos diz a respeito está no *Diário*, V, pág. 45: “Vista de fora, apoiada em documentos que não têm nenhuma autenticidade profunda, uma obra completa é um

mundo construído, cujo plano parece evidente. Mas quem a faz é quem sabe que não obedeceu a plano nenhum, que foi o acaso que pura e simplesmente actuou". Não é característico do acaso repetir-se; de um processo, ainda que subconsciente, de convencimento, sim. O explicar e explicar-se leva-o a usar o símile do moinho que mói a vida (*Diário*, III; *Penas*, etc.) e a defender-se de explicações que venham de fora, como quando trata do poeta em geral e, portanto, de si mesmo também:

Cada leitor que vem, seu inimigo,
Quer deslindar consigo
O mistério sombrio
Da criação.

Este leitor não é o homem comum, com quem o poeta se afirma solidário, mas o crítico, a deitar-lhe "o golpe de uma nova indecisão". (*Nihil Sibi*, pág. 97). Esse "inimigo" deve ter surgido por via de algum acidente circunstancial. Poeta do circunstancial interior, Torga também é moinho — usemos sua mesma palavra — necessitado de matéria renovada. Os golpes foram sempre devolvidos por intermédio de poesia e ele poderia parodiar a si mesmo dizendo "a crítica critica, o resto é comigo", como diz do destino: que destina, etc. Sua defesa não é só esta. No *Diário*, IV, pág. 20 está: "ai do artista que não sabe esquecer cada dia o que escreveu no dia anterior".

Neste esquecer está entendido o recomençar e o não ser possível recomençar como se nada houvera antes. Idêntico processo poético, para não citar mais nada, acompanha-o dos primeiros aos últimos poemas, situado na tradição literária. A preferência pela redondilha popular e pelo decassílabo se mantém, ainda que todas as métricas ocorram, com versos curtos intercalados na sequência dos longos. Redondilha e decassílabo, porém, como tradições do povo e dos poetas cultos, respondem melhor à necessidade de adequação entre o dizer e o modo de dizer. No dizer, Torga não falta com poemas de Natal, ano após ano, numa fidelidade só comparável à com que saúda a primavera. Neste último caso, a variedade da paisagem e do estado de espírito, confere aos poemas traços singularizadores, o que não

se dá com a festa do nascimento de Jesus, porque é registrada como reflexão sobre o acontecimento, sem possibilitar a identificação completa entre o poeta e o sentimento íntimo do povo, num esforço contínuo e sempre despido de emoção. Compare-se a natalina de Torga aos poemas, também radicalizados na tradição, de homenagem à Mãe, e notar-se-á, pela superioridade destes, a coerência do poeta, que reconhece:

Sonhei deuses outrora,
Mas acordei.

(*Penas do Purgatório*, pág. 9).

O modo de dizer, realizado numa estrofação variável dentro da preferência apontada, recusa formas fixas, exceto o soneto, mas utiliza, de maneira intransigente, a rima. Cada verso, por sinal, tem a medida solicitada pela rima, sendo este o traço musical por excelência, a se considerar os compassos formados pelo andamento mais largo de uns e o corte rápido de outros.

Essa musicalidade associa-se a outra que podemos definir com um verso do próprio poeta:

Voar entre os azuis da inexpressão...

(*Diário*, VI, pág. 93).

É o Torga da canção de si mesma, que só aponta inquietação quando, insatisfeito mas não em luta, constata:

E sempre o mesmo trágico desejo
De dar outra expressão ao que foi dito!
(*Orfeu Rebelde*, pág. 30).

O caráter de poeta sendo-se, nutrido da circunstância interior, tinha que levá-lo, forçosamente, a poemas que intitula "Limbo", "Transe", "Repouso", "Destino", "Sesta", "Água". É o ser humano, a reivindicar o direito de não se transformar em máquina de compromisso. Mais um aspecto, portanto, da rebeldia de Orfeu.

BIBLIOGRAFIA

- COELHO, Jacinto do Prado. *Diversidade e Unidade em Fernando Pessoa*. 2.^a ed. refund. e acresc. [Lisboa], Editorial Verbo [1963].
- MELO, José de. *Miguel Torga*. Lisboa, Editora Arcádia [1960].
- SIMÕES, João Gaspar. *Literatura, Literatura, Literatura...* [Lisboa] Portugália Editora [1964].
- *Itinerário Histórico da Poesia Portuguesa*, [Lisboa] Arcádia [1964].
- *História da Literatura Portuguesa no Século Vinte* Empresa Nacional de Publicidade [1959].
- TORGA, Miguel. *Câmara Ardente*. Coimbra, [Coimbra Ed.], 1962.
- *Cântico do Homem*. Coimbra, [Coimbra Ed.], 1954.
- *Diário*, I. 5a. ed. rev. Coimbra, 1967.
- — — II. 3a. ed. rev. Coimbra, 1960.
- — — III. 2a. ed. Coimbra, 1954.
- — — IV. 2a. ed. rev. Coimbra, 1953.
- — — V. ed. rev. Coimbra, 1955.
- — — VI. 2a. ed. rev. Coimbra, 1961.
- — — VII. 2a. ed. rev. Coimbra, 1961.
- — — VIII. 2a. ed. Coimbra, 1960.
- — — IX. Coimbra, 1964.
- — — X. Coimbra, 1968.
- *Lamentação*. 3a. ed. Coimbra, [Coimbra Ed.], 1960.
- *Libertação*. 3a. ed. Coimbra, [Coimbra Ed.], 1960.
- *Nihil Sibi*. 2a. ed. Coimbra, [Coimbra Ed.], 1956.
- *Odes*. 3a. ed. Coimbra, [Coimbra Ed.], 1956.
- *Orfeu Rebelde*. 2a. ed. rev. Coimbra, [Coimbra, [Coimbra Ed.], 1970.
- *O Outro Livro de Job*. 4a. ed. Coimbra, [Coimbra Ed.], 1958.
- *Penas do Purgatório*. 2a. ed. aum. Coimbra, [Coimbra Ed.], 1964.
- *Poemas Ibéricos*. Coimbra, [Coimbra Ed.], 1965.

Vida Universitária

ATIVIDADE EDITORIAL

SEMANA DE SÃO JOÃO DA CRUZ — Num fecundo ciclo de atividades culturais, o Instituto de Letras da Universidade Federal de Pernambuco promoveu, em setembro de 1973, por iniciativa e sob a coordenação do Prof. Pe. Romeu Peréa, uma Semana de Estudos dedicados a S. João da Cruz, poeta e místico espanhol do século XVI. O texto das lições então proferidas constitui a matéria de um livro lançado pela Editora Universitária.

Trata-se de cinco palestras: o Prof. José Lourenço de Lima situa S. João da Cruz em seu tempo; o Prof. Pe. Romeu Peréa expõe a sua formação humanística e o Mons. Severino Nogueira, o seu Magistério espiritual; depois, o Prof. César Leal e a Prof.^a Maria do Carmo Tavares de Miranda abordam, respectivamente, a poesia e a metafísica e a mística.

De certo modo, a Semana de S. João da Cruz dá seguimento aos estudos promovidos no ano anterior, pelo mesmo Instituto e sob a mesma coordenação, em torno de Sta. Tereza de Jesus, já divulgados em volume também pela Editora Universitária.

ESTUDO DE PROBLEMAS BRASILEIROS — A exemplo do que tem feito em anos anteriores, a Universidade Federal de Pernambuco, instaurando em um sistema novo, através da televisão e do rádio, o ensino da cadeira relativa a Problemas Brasileiros (Educação Moral e Cívica), publicou em livro as aulas pronunciadas no ano letivo de 1973. O volume de mais de quinhentas páginas e abrangendo sessenta e uma preleções, fez parte do primeiro lançamento de livros da Editora Universitária, em abril deste ano.

Aberto com uma aula do Magnífico Reitor Marcionilo de Barros Lins sobre a estrutura da Universidade, o tomo agora editado envolve grande variedade de assuntos — alguns deles tratados em quatro ou três palestras como Geopolítica e Geoeconomia do Brasil (Prof. Manoel Correia de O. Andrade), Instituições Políticas (Prof. Costa Porto). Situação Demográfica (Prof. Hélio Moura), Plantas Forrageiras e Pastagens do Nordeste (Prof. Joaquim Menezes de Gusmão), Planejamento Agrícola do Nordeste (Prof. Arlindo da Costa Lima), Irrigação (Prof. Adauto Aurélio de Oliveira), Tecnologia e Desenvolvimento Industrial (Prof. Romildo Siqueira), Respeito aos Pais e autoridades (Prof. Jamil Daher), etc. Sob vários aspectos, estudam-se também o sistema financeiro e o tributário nacionais e temas cívicos ou históricos.

A variedade e amplitude dos assuntos versados dão à publicação um interesse mais do que meramente curricular, devendo ser útil a um público bem mais vasto.